

Crítica // Sex ★★★

## Uma dolorida adaptação

Ricardo Daehn

Confissões de traições e uma atenção quanto à honestidade das relações amorosas. Fala-se de mulheres, não? Não, e de jeito nenhum, quando está em jogo o filme *Sex* (em nada erotizado ou gráfico), dirigido pelo norueguês Dag Johan Haugerud. Em certo momento da trama, há uma conversa absurda sobre “controle da narrativa”, enquanto o protagonista Feier (Jan Gunnar Røise, vencedor do prêmio de melhor ator em Valladolid) revela abertamente arrependimentos quanto a uma escapadela no cotidiano de matrimônio junto à personagem de Siri Forberg. Entregar o corpo e o pensamento à ela passa a ser meta, a fim de Feier buscar redenção. Sob o título de *Sex*, o filme, vale a lembrança, faturou o prêmio ecumênico da mostra Panorama do Festival de Berlim.

No longa, desejos reprimidos são passados a limpo e sexo é o que menos aparece

IMOVISION



Cena de *Sex*: diálogos absurdos

na tela. E, nisso, nos discursos (nunca panfletários) de personagens, brotam conceitos, como o de que “homossexualidade não é identidade, é atividade” e que “olhares singulares (de terceiros)” podem ser revigorantes na libido, além de definitivos. Curiosa é a modernização de dramatizações à la Bergman (outro cineasta escandinavo), que vem reajustada, sem muito julgamento (inicialmente) e repleta de

preocupação com o bem estar dos protagonistas, que incluem outro casal (feito por Thorbjørn Harr e Birgitte Larsen).

Num clima apaziguador, o cinema de Dag Johan é relaxante, evita escândalos e convida à tolerância, num andamento em que Oslo vem enquadrada a distância e plácida, tal qual nos filmes do francês Robert Guédiguian. Uma grande inovação está na visão de personagens heterossexuais atentos a

não “se limitar” ou “se restringirem”. O personagem de Thorbjørn até gera alguma graça, por perceber que ele (cristão, que canta em coral) está com a voz modificada, ao passo em que tem sonhos nos quais é reconhecido por David Bowie, que o enxerga como mulher. Outro fragilizado na trama é o personagem de Theo Dahl (filho da provocativa Sositionom, feita por Brigitte) que traz a mão machucada e acolhe um exemplo

feminino, a fim de ter um canal no YouTube.

Diretor que conquistou menção pela direção no Festival de Odesa, Dag Johan Haugerud revela desentendimentos, a partir de exagerada intimidade na amizade que pode influenciar casais. Repare na interessante história que une tatuagem e o famoso arquiteto Frank Lloyd Wright, numa breve crônica recheada de intensidade.

## Brasileira em apuros

Férias agitadas numa trama repleta de reviravoltas: assim serão alguns dias do casal Joe (Scott Eastwood) e Lara (Willa Fitzgerald), agentes secretos, no protagonismo de *Código Alarum*. O filme de ação conduzido por Michael Polish marca a estreia no circuito internacional da brasileira Isis Valverde, que interpreta Bridgette Rousseau, amiga da dupla foragida do mundo

IMAGEM FILMES/DIVULGAÇÃO



A brasileira Isis Valverde em cena com o filme que traz Stallone no elenco

das espionagens. No elenco, está Sylvester Stallone.

Na intriga gerada pela trama, que promete muito suspense, estão camadas de

até mesmo de aliados.

dilemas morais. O casal central do filme encontra pen drive com dados confidenciais e se torna alvo de caçada humana. No meio do corre-corre está a rede secreta de espões Alarum, que espalha um destino de traições para o casal que deverá desconfiar